

# ***O Parque Arqueológico do Morro da Queimada***

**BENEDITO TADEU DE OLIVEIRA**

**A cidade de Ouro Preto, como outras vilas do ouro em Minas Gerais, tem formação peculiar, não obedecendo às organizações urbanas radiais ou nucleares tradicionais do Brasil Colônia.**

**A sua configuração, orgânica e linear, antecipou a situação urbana, hoje conhecida como “conurbação” ou seja, a formação de uma cidade a partir da ligação de diversos núcleos urbanos próximos.**

**Dentre os diversos arraiais que deram origem à cidade de Ouro Preto, o Morro da Queimada, também conhecido como Morro do Paschoal ou Arraial de Ouro Podre, foi um dos primeiros a surgir e tem história trágica por ter sido destruído em 1720, após a revolta liderada por Felipe dos Santos e Paschoal da Silva Guimarães, em oposição aos aumentos dos impostos e à criação das Casas de Fundição pela Coroa Portuguesa.**

**Depois de incendiado pelo governador Conde de Assumar, o antigo Arraial de Ouro Podre passou a ser chamado de Morro da Queimada, e a população da então Vila Rica transferiu-se para os outros arraiais. O governador dizia na época que no Arraial de Ouro Podre até as pedras conspiravam contra a Coroa Portuguesa.**

**O Morro da Queimada constitui hoje um sítio arqueológico de inestimável valor, por ser um testemunho material das primeiras tipologias arquitetônicas da cidade e guardar preciosos registros da exploração de ouro no início do século XVIII. Existem no local, além das ruínas das edificações da época, grandes galerias, bocas das antigas minas, sarilhos para suas ventilações e ainda mundéus, construções feitas para a lavagem do ouro. Segundo relatos verbais,**

o imperador D. Pedro II, quando visitou Ouro Preto em 1881, identificou o Morro da Queimada como a Pompéia brasileira. Nas últimas décadas, o Morro da Queimada vem passando por um processo no qual as ruínas vêm sendo dilapidadas pela ocupação desordenada, com as novas construções utilizando as estruturas e pedras antigas. A falta de proteção dos documentos arqueológicos do Morro da Queimada em Ouro Preto é o caso mais grave de abandono do patrimônio cultural pelos poderes públicos nas suas diversas esferas. O Plano Diretor de 1996 prevê para o local a implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada, antiga reivindicação das ONGs Projeto Manuelzão e AMA Ouro Preto e tem o apoio de diversas instituições, dentre as quais destacam-se: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura- Unesco, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, Universidade Federal de Ouro Preto- Ufop, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual- Iepha, Instituto Estadual de Florestas- IEF, Ministério Público Estadual, Câmara Municipal de Vereadores, Paróquia Nossa Senhora do Pilar, e ONGs APAOP e AMO Ouro Preto. A missão de técnicos do Centro de Patrimônio Mundial que a Unesco enviou a Ouro Preto em abril de 2003 identificou a preservação do sítio arqueológico do Morro da Queimada como uma das medidas necessárias para deter a alarmante deterioração do patrimônio cultural e ambiental da cidade. Após esta recomendação o Comitê Consultor de Ouro Preto, coordenado pelo Iphan constituiu os seguintes grupos de trabalho: pesquisa histórica, regularização fundiária, habitação, implantação física, captação de recursos e relação com a comunidade.

A implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada traria um grande impacto positivo em Ouro Preto, dando origem a diversas ações de valorização do patrimônio cultural e ambiental da cidade, dentre as quais destacam-se:

- ampliação das pesquisas históricas por meio da criação de programas de escavações arqueológicas, possibilitando um conhecimento mais amplo sobre a cultura material e a história da mineração da época;
- proteção e ordenamento das ruínas das primeiras edificações de Ouro Preto;
- criação na casa nº 627 da rua Conselheiro Quintiliano de um museu arqueológico das cidades surgidas durante o ciclo do ouro;
- preservação da memória de Felipe dos Santos e ampliação dos conhecimentos históricos do século XVIII;
- criação de uma opção diferenciada de turismo fora do circuito tradicional, contribuindo para uma permanência maior dos visitantes na cidade;
- proteção de parte significativa da moldura paisagística do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto;
- melhoria da qualidade de vida e inclusão social das comunidades vizinhas, por meio da geração de emprego e renda, bem como da sustentabilidade econômica do empreendimento;
- início da consolidação do Parque Municipal e da APA Cachoeira das Andorinhas, preservando e recuperando os diversos recursos naturais existentes.

O Morro da Queimada é um sítio dotado de rara beleza natural, de onde tem-se visão privilegiada do centro histórico de Ouro Preto e do pico Itacolomi, que orientou os primeiros bandeirantes e ainda hoje personaliza a cidade.

O Morro da Queimada está para Ouro Preto assim como a Acrópole está para Atenas e o Palatino e os antigos *foruns* estão para Roma. A diferença é que nessas cidades os poderes públicos se mobilizaram e têm protegido seus patrimônios histórico e arqueológico. Com a eleição de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos para a prefeitura de Ouro Preto criou-se uma conjuntura favorável para a recuperação do

patrimônio cultural e ambiental da cidade que deverá ter início onde tudo começou: *no Arraial de Ouro Podre que foi de mestre Paschoal.*

***BENEDITO TADEU DE OLIVEIRA é arquiteto graduado em 1980 pela Universidade de Brasília (UnB) e recebeu em equipe os prêmios da União dos Arquitetos da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do Sindicato dos Engenheiros Egípcios no XIV Congresso da União Internacional de Arquitetos (UIA), realizado em Varsóvia em 1981. Doutorou se em restauração de monumentos em 1985 pela Universidade de Roma "La Sapienza" e ingressou em 1987 na Fiocruz / RJ tendo coordenado a restauração do Conjunto Arquitetônico Histórico de Manguinhos. Em 2002 assumiu a direção do Iphan de Ouro Preto.***